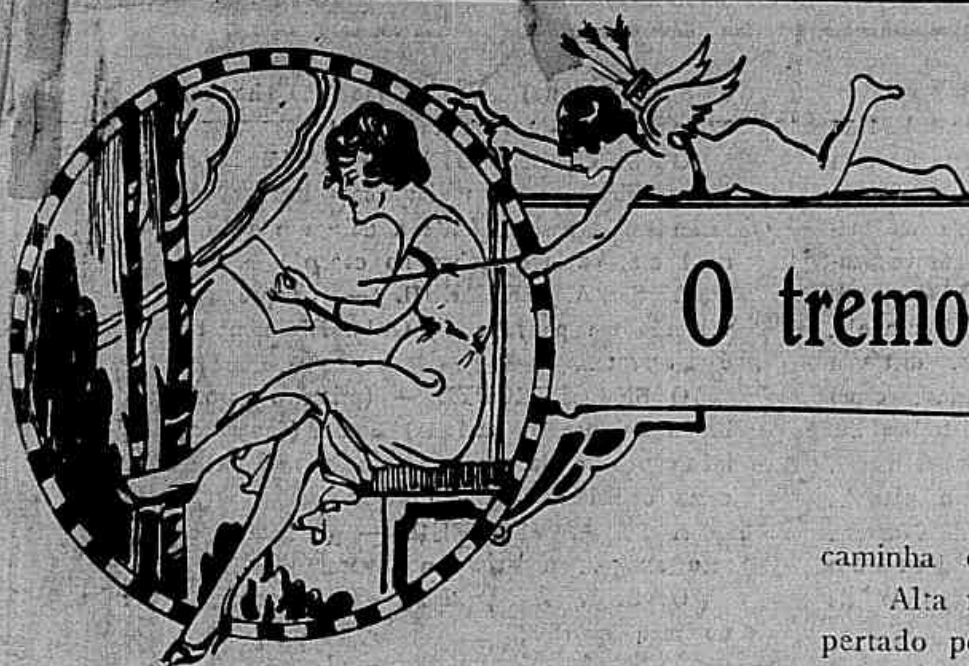


FIGURAS PROMISSORIAS

(Homens de letras)



AFRANIO PEIXOTO



O tremor de terra



Mal as paredes frageis do hotel saccudiam, com o movimento scismico de Janeiro, D. Setembrina Gouvêa, apertando, nervosamente, entre os braços, o filhinho sahia em carreira, pelos corredores, na lufa-lufa daquelles minutos terriveis, esquecida de que lhe guardava o coraço, uma transparente e leve camisa de dormir, onde as rendas e os entremeios patenteavam o tremor assustadiço de carnes moças e rosadas.

— O terremoto! Que horror!...

Rapido foi o alvoroço. A calma regressou e D. Setembrina, respirando a custo, tornou ao seu apartamento, depondo o pequeno Filó, entre as cobertas macias, como si viesse de salvá-lo de um desastre imminente.

— Mamãe, que foi que aconteceu? — inquiriu o pequeno, somnolento.

— Um terremoto, filhinho; dorme, dorme, agora, que papae vêm amanhã.

— Mas, o que é terremoto?

— E' uma cousa que faz tremer tudo, filhinho. Dorme, sim?

No dia seguinte, D. Setembrina contava, no salão do hotel, ao dr. Macario Gouvêa, esposo do seu coração, os horrores da noite fatal, maximé na ausencia d'elle, sem uma pessoa que a pulesse auxiliar, naquella transe.

Homem intelligente, o dr. Gouvêa tranquillizou-a. Aquillo não era nada. Simples reflexo de agitações longiquas, não podia ter, certamente, consequências maiores. E foi de espirito sereno, que D. Setembrina se recolheu ao quarto, e ao leito, onde dormiam ella e o marido, e junto ao qual tinha o pequeno a sua

caminha de arame.

Alta noite, porém, foi o hotel despertado por um grito de pavor. O gerente accorreu, alarmado. Portas abriram-se, com estrondo.

Era o Filó que havia pulado do leito, e se precipitava, descalço, escada abaixo, gritando:

— Soccorro!... Soccorro!... Salvem a mãe!... Salvem o papae!...

E olhos esbugalhados, de pavor, anciado da carreira:

— O terremoto!... Está dando... terremoto... na cama... da... mamãe!...

Effectivamente, D. Setembrina estava sendo sacudida, naquella noite, pelos horrores de um sonho mau...

Yon.

A mão de Filatos

O illustre homem de sociedade, tão delicado de maneiras, tem, não se sabe porque, as mãos horivelmente mal tratadas. Occasiões ha em que não só as mãos se vestem de luto, como também, os dedos. E era num desses dias que elle conversava, sobre assumpto mundano, com mme. N. T., quando, de repente, assegurou:

— O que succeder, o culpado não sou eu. Eu, nesse caso, lavo as minhas mãos, como Pilatos.

A illustre senhora sorriu, expressivamente.

— De que está rindo? — dagou o mundano, intrigado.

E madame, perversa:

— De nada.

E olhando-lhe os dedos:

— Depois que Christo foi demnado, é a segunda vez que latos lava as mãos... Não é?



O PAPAGAIO

Ao desembarcar no Rio de Janeiro, trasi da do Ceará pelo Manoel Guilherme, caixeiro viajante da firma Pereira, So-

brinho & Cia., a Maria do Carmo recebera aquella ordem do rapaz:

— Deixa esse papagaio a bordo, Maria. Tu vaes para uma pensão chic, e toda a gente rirá de ti, vendo-te com esse bicho.

A rapariga era, porém, boa demais para abandonar a pobre ave, sua companheira dos dias maus. Nascida no alto sertão do Canindó, creára aquelle bicho com um carinho quasi maternal. As palavras que dizia, as modinhas que

cantava, tinham sido ensinadas por ella. E de tal modo se firmára, entre os dois, a amizade, que, quando a familia resolveu, accossada pela inclemencia da secca, descer para o littoral, afim de tomar o caminho do exilio, a moça empoleirou a ave no dedo, tornando-a a socia incondicional do seu infortunio.

Chegada a caravana a Fortaleza, hospedou-se Maria do Carmo, com o pae e a mãe, á sombra de um cajueiro, na praça general Sampaio. Exhausto da caminhada, o velho morreu na noite, mesmo, em que terminára a jornada. Surprehendida pela variola, a velha foi conduzida para um hospital, que a rapariga não sabia onde ficava. E foi ao sentir-se sozinha no mundo, abandonada dos homens e, na sua opinião, esquecida de Deus, que Maria do Carmo, faminta, rota, descalça, se entregou ao primeiro homem que lhe offereceu, na rua, uma cedula de dez tostões.

Reanimada pela alimentação e pelo prazer, passou a ingenua sertanejinha da vespera a viver, com o seu papagaio, em uma hospedaria das proximidades da estação. E foi ahi que o Manoel Guilherme a conheceu, e a comprehendeu, a ponto de convidar-a para a viagem com destino ao Rio, onde a sua belleza sem artificio lhe asseguraria, com certeza, o conforto, o luxo, a fama, a fortuna.

A grande cidade fôra, como sempre succede em taes circumstancias, generosa com a sua nova hospede. Em tres mezes, possuia ella, já, menos innocencia, menos compostura, menos amor ao papagaio, mas, em compensação, maior numero de camisas e meias de seda, que a punham em evidencia entre as oito ou dez inquilinas da casa. Ao cabo de quatro mezes era, em summa, tão accentuada a sua prosperidade, que Maria do Carmo resolveu mudar de pensão, installando-se em outra mais distincta, mais chic, mais cara, vendendo em leilão tudo que possuia nos seus antigos aposentos, sem excluir, mesmo, o papagaio, que vivia numa gaiola de prata, no quarto em

que a rapariga dormia.

Annunciado o leilão, a casa encheu-se. Dezenas de mulheres e cavalheiros correram a adquirir um movel, um bibelot, uma lembrança, em summa, d'aquella mundana famosa, elevada, em menos de oito mezes, da miseria mais negra ao luxo mais atordoante. E foi nesse ambiente que o leiloeiro começou a gritar, um por um, os objectos a arrematar.

A cama, isolada, com o cochão e o edredon, deu trez contos. O tapete foi arrematado por setecentos mil reis. E assim um por um dos moveis e demais componentes, até que chegou a vez do papagaio.

— Quanto dão pelo «louro»? E' uma belleza! Fala como um deputado da opposição! E' o Ruy Barbosa de bico e penna! — berrava o homem.

Um sujeito magro, de oculos, gritou, de longe:

— Vinte mil reis!

Outro emendou:

— Cincoenta!

E o leiloeiro proclamou:

— Cincoenta mil reis!... Cincoenta... Cincoenta... Cincoenta mil reis... Cincoenta mil reis... Cincoenta mil reis... cincoenta... cincoenta... cincoenta... cincoenta...

Por essa altura, o papagaio remexeu-se na sua gaiola. Todos olharam. E elle, na sua voz guttural:

— Fecha o negocio, leiloeiro. Fecha, logo.

E baixando a cabeça, triste, como quem se resigna com o seu destino...

— E' o preço da casa...

Karl Kork

A Sciencia de viver

Contava ha dias na Camara o dr. Carlos de Campos, que, certa vez, estando o saudoso Rodrigues Alves bastante enfermo, foi o actual senador Alfredo Ellis visital-o, e offereceu-lhe os seus serviços profissionais.

Recebido pelo doente, o visitante explicou a sua situação:

— O senhor comprehende, conselheiro, que, a mim, seria muito conveniente ser seu medico...

— Eu sei...

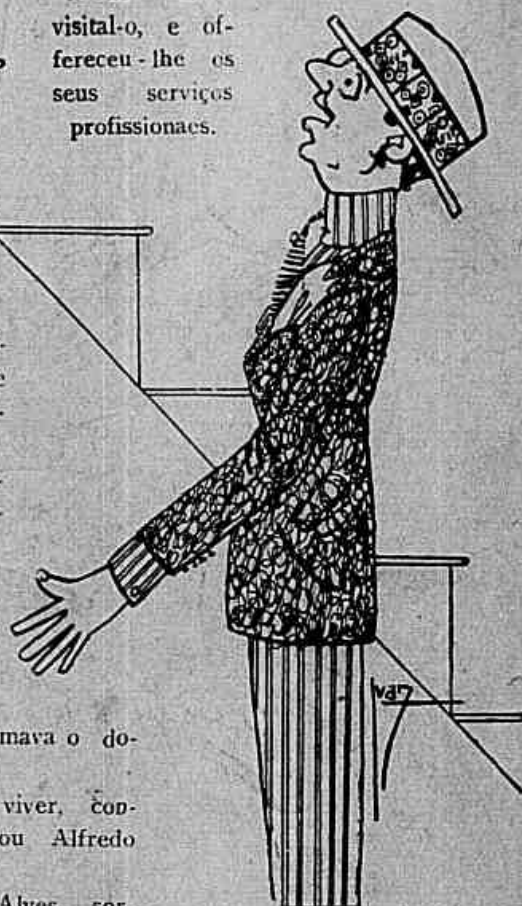
eu sei... — confirmava o doente, recusando.

— Eu preciso viver, conselheiro... — tornou Alfredo Ellis.

E Rodrigues Alves, sorrindo, e afastando-o, com a mão:

— E eu, tambem, doutor...

Foi a ultima vez que o dr. Ellis tentou a medicina.





IDYLIO

Elle a tinha visto passar no «trottoir», loura como uma tarde de estio. Deslumbrado com aquella graça joven, poz-se a acompanhá-la, parando a cada poste, para chamar-lhe a atenção. Ella seguia, porém, tranquillamente o seu caminho, como se não dêsse pela presença do insolente que a perseguia. A verdade é, no entanto, que aquella insistencia falava á sua vaidade profundamente feminina, justificada por uma juventude radiosa, cheia de promessas idizi-veis.

Elle, por seu turno, não era feio. Alourado, olhos vivos, corpo bem feito, possuia todas as qualidades para agradar. Consubstanciava, mesmo, nas maneiras, o typo do perfeito seductor.

A tarde estava doce, meiga, primaveril. Um cheiro bom se desprendia das arvores, embalsamando a rua.

Marchando nervosa, ligeira, ella tomava um caminho que não sabia qual era. Aquelles passos que ouvia pouco atraz atordoavam-na. A consciencia do perigo acordava-lhe nalma, á medida que rareavam os transeuntes, naquella rua que não sabe qual seja. Percebendo o temor que a assaltava, elle apressou o passo. Em poucos momentos, estavam a um metro de distancia um do outro.

Ella o olha, de soslaio, como quem não observou nada. No seu olhar furtivo ha, porém, qualquer cousa de medo, de inquietação, de desejo reprimido.

Lado a lado, caminham, sem saber, mesmo, para onde vão. A's ruas de grandes casas succedem as ruas de grandes muros. E' o arrabalde. Os predios, as arvores, fogem atraz d'elles. Na volupia de se sentirem um perto do outro, haviam perdido toda a noção do tempo e

do espaço.

Em que suburbio estavam? Que hora seria? O dezejo atordoava-os.

Subitamente, ella se sentiu assaltada por um terror inexplicavel. Que estariam pensando d'ella em casa? Em que afflicção não se achariam todos, com a sua demora?

Percebendo aquella afflicção, elle procurou tranquillizá-la. Subito, notando-lhe o nervosismo, tentou uma caricia.

Na tarde suave, ella estremeceu, num «frisson» delicioso. Elle tornou-se mais corajoso, e insistiu.

Ella resistiu ainda. A sua lucta, agora, era mais contra si mesma, contra a sua fraqueza, contra os seus proprios sentidos, do que contra o perseguidor. Era preciso que elle não adivinhasse aquelle alarme dos seus nervos. De repente, porém, a uma nova caricia, ella gemeu, contrariando-se a si mesma:

— Não; hoje, não... Amanhã...

— Amanhã? De que seria feito esse amanhã? — observou-lhe o Don Juan, como quem se acha senhor do terreno.

E enquanto ella se approximava ainda mais d'elle, timida, amorosa, como para lhe pedir protecção contra si propria, elle a tomou brutalmente.

Ella fechou os olhos e, a razão desnortada, abandonou-se

A vertigem foi longa. E teria durado mais tempo ainda, se um jarro d'agua fria atirado da janella sob a qual se tinham enlaçado não tivesse vindo acalmar o ardor de seus transportes.

Atordoados, envergonhados d'aquella loucura, elles partiram, então, a cauda baixa, o passo ligeiro, cada um para seu lado: «Sultão» para a direita, «Mimosa» para a esquerda...

E. Alain.



ligioso... é sagrado...

O SNR. BEROUTE — (jocosos) Não temos apenas o «Kama-Soutra!...» Estames com um bom sortimento... (mostrando a segunda parte do livro) Temos também as melhores passagens de Gamiani, admiravelmente escriptas...

A SNRA. VERMEUIL — Verdade!... Ha verdadeiros escriptores que se distraem fazendo esses horro... essas fantasias... como ha verdadeiros artistas para illustrar-as!...

O SNR. BEROUTE — Gamiani é de Alfred Musset!...

A SNRA. VERMEUIL — Alfred Musset... o patife!... Eu que o adoro!... (quer tomar o livro) Si é de Musset...

O SNR. BEROUTE — Previno que as illustrações são ainda peores... e o diabolico é que ellas são de um gravador extraordinario... um Fragonard...

A SNRA. VERMEUIL — (encostando-se ao braço delle) Não será capaz de fazer abstracção do assumpto, não vendo senão a finura do desenho, o talento do artista... sob um ponto de vista puramente esthetico?

O SNR. BEROUTE — Puramente? Não! Ehl Não! Ha muito tempo que estou com este livro nas mãos...

A SNRA. VERMEUIL — Está brincando?...

O SNR. BEROUTE — Nada... Depois que minha mulher fez esta maravilhosa descoberta, tenho a impressão de recommençar o numero de Baggessen...

A SNRA. VERMEUIL — Baggessen? (Conta a historia de um artista das Folies Bergeres que se apresentava com uma folha de papel que se collava em toda parte.

A SNRA. VERMEUIL acaba tomando-lhe o livro.

A SNRA. VERMEUIL — (Abre o livro, suspira, fecha, olha Beroute sorrindo, re-novamente as paginas) Sim... Oh!... é um monstro... (Fecha) Tinha razão...

O SNR. BEROUTE — Que lhe dizia eu?

A SNRA. VERMEUIL — (abrindo novamente o livro) Que é isso?... escolas de amor... nada de mais... assim escolas de amor nas Indias... (um tempo) E' um bello paiz...

O SNR. BEROUTE — (muito perto da nuca da SNRA. Vermeuil) Sempre sonhei fazer uma viagem ás Indias...

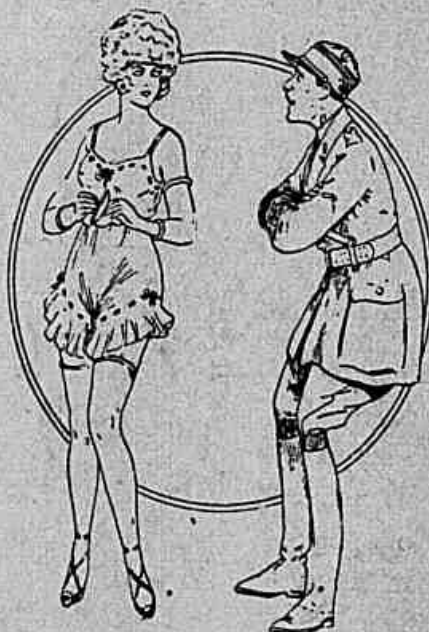
A SNRA. VERMEUIL — (retomando o livro) Ah!... uma gravura quasi conveniente... um hindu... Como!... Um hindu...

O SNR. BEROUTE — (olhando e precisando) Hum... um bello hindu...

A SNRA. VERMEUIL — Já vio os hindus?

O SNR. BEROUTE — Todo nus... nunca...

A SNRA. VERMEUIL — (langorosa e pesando sobre



o SNR. Beroute) Parece que são homens muito doces... mas muito ardentes...

O SNR. BEROUTE — (diciendo-se) Sim... Sim... e com impulsos irresistiveis, assim veja... assim... (Elle a enlaga e a beija na bocca, cahindo ambos no canapé)

A SNRA. VERMEUIL — (surpresa e voltando um pouco a si) Oh!... E' insensato, é insensato...

O SNR. BEROUTE — (primeiro assombrado da propria audacia) Sim... (depois se inflamando e lançando-se aos pés della) Como é bella, como é bella!

A SNRA. VERMEUIL — (levantando-se) Meu amigo... poderiam nos ver...

O SNR. BEROUTE — (Arrastando-a) venha... ah... no meu quarto...

A SNRA. VERMEUIL — Levo os Hindus...

O SNR. BEROUTE — (Sem deixal-a) Mas eu sou um Hindu... Sou o seu Hindu!... (Saem. Fechada a porta, ouve-se no jardim a voz da SNRA. Beroute)

SCENA XIII

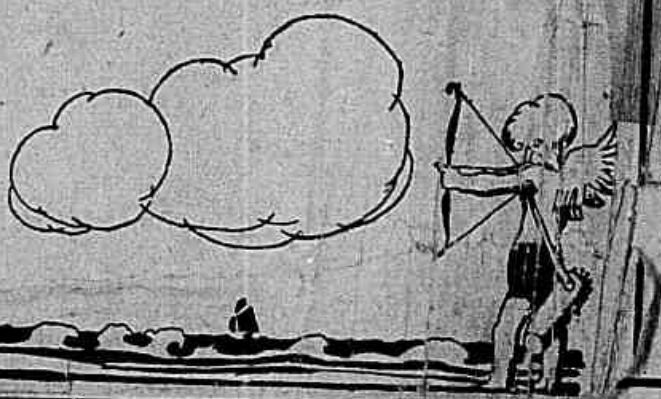
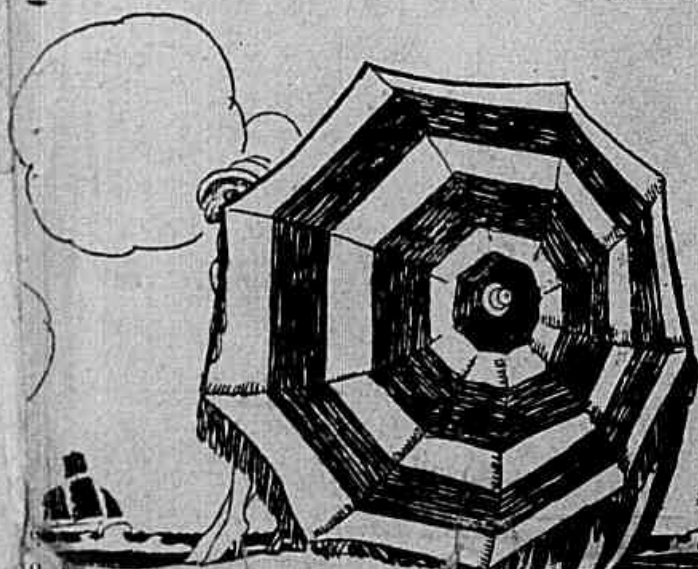
A SNRA. BEROUTE — (apparece com o Anjo expulsando Adão e Eva do paraíso terreste; traz pela mão João e Maria, ambos vermelhos, despenteados, encostados assim como acabou de surprehender os gracinhos!... Desgracinhos!... Vou capturar-lhe como os surpreendi... (deixando Marcella). Tu pequena perdida... espera-me ali... (a João empurrando-o para a porta do quarto do SNR. Beroute) E tu... grande debochado... tu vaes ver teu pobre pae... tu vaes vel-o... (abre a porta e fecha bruscamente) Ah... O satyro!... Também elle!... Mas então elles todos vão a esse Kama-Soutra!...

FIM

Jan Richora

—:—

NOTA — «Le Kama-Soutra» não é uma fantasia. Existe. E' um opusculo pornographico, com gravuras obscenas — Vem sempre annuciado no «Fantasio» "Collection Precieuse" — II fr. P. Barlet editeur, Paris.



CASOS MEDICOS

A CLIENTE DO DR. NUNO

Quando o sr. conselheiro Nuno de Andrade clinicava, appareceu-lhe no consultorio, afim de ser examinada, uma senhora que é esposa, hoje, de uma alta patente da Marinha.

A illustre dama passava, então, por uma das mulheres mais espirituosas da cidade. E como lhe diziam isso, achava ella que não devia por termo á conversa, todas as vezes que se lhe offerecia uma oportunidade.

Mandada entrar para a sala de consultas, começou a dama a falar. Falava de Deodoro, de Floriano, do Imperador exilado, da Princeza Isabel, do dr. Lopes Trovão, do dr. Humberto Gottuzo, e ia continuar na devassa quando o medico teve uma idéa:

— Mostre a lingua! — disse.

A moça poz a lingua para fora, e o dr. Nuno começou a auscultação. Cançada de estar com a bocca aberta, madame pôz a lingua para dentro, e ia começar:

— Esta sociedade está perdida, doutor. A minha vizinha da esquerda, madame Ferreira... O dr. co-

nhece?

— Mostre a lingua! — tornou o dr. Nuno.

Mais cinco minutos de castigo, a cliente fecha a bocca, e tenta continuar:

— O dr. conhece o coronel Fir...?

— Mostre a lingua! — insistiu o medico.

A pobre senhora torcia-se, suando, na mesa em que estava sendo auscultada. As palavras, derretidas em suor, sahiam-lhe pelos póros, em gottas.

— Mas, doutor...

— Mostre a lingua! — mandou, mais uma vez, o medico.

Percebendo que era desaforo, a cliente protestou:

— O dr., então, não me quer ouvir?

Nuno de Andrade fez-se desentendido. E dando por terminado o exame:

— O seu organismo, minha senhora, — disse — está muito bom.

E sorrindo, fechando os olhinhos piscos e azues, mais maliciosos, ainda, que o sorriso:

— Apenas, a lingua, comprehende? a lingua... está um pouquinho suja...

Charcot & Pasteur



A CILADA

A fallar verdade, o Armando Moreira não sabia o motivo daquella attitude da namorada. Feio, elle não era. E ella, com franqueza, não era bonita. Gorda, de noventa e tantos kilos, possuia olhos pequenos, e um narisinho petulante, que, entre as bochechas gorduchas e infantis, mais parecia um navio a vela a apparecer ou, melhor, a desaparecer, entre duas vagas empoladas. Tinha bons dentes, é certo; a bocca vivia, porém, escondida entre a gordura do rosto, coroado de cabellos negros, que a moça arranjava como podia.

Mal servida, assim, de formosura, Rachel não podia ser cubiçada ardentemente pelos homens. Por que, pois, insistia o pae, o rotundo commendador João Benicio, em oppôr-se ao seu casamento com a filha? O velho não lhe dissera nada, é verdade; mas a filha não se cançava de observar-lhe:

— Tem cuidado, Armando; sim? Papae não admittiria, agora, qualquer idéa de casamento. Eu sou filha unica, e elle não se quer, de nenhum modo, afastar de mim...

A razão, por mais poderosa que fosse, não calava no espirito do rapaz. O commendador possuia fortuna volumosa, e não tinha o direito de privar um advogado pobre do goso honesto de uma herança que estava para breve. E pensava nessas cousas, quando lhe surgiu a idéa de uma cilada.

— E se elle nos surpreendesse juntos, — pensou; — seria possivel que continuasse intransigente?

Não; não era provavel. O melhor, embora mais perigoso, seria, pois, arrastar a moça a um lugar comprometedor, isto é, áquelle em que se vinham encontrando ás terças-feiras, e escrever uma carta anonyma ao velho, pedindo-lhe que fosse a tal lugar, ás tantas horas, quarto numero tal. O commendador, certo, iria, empurraria a porta, surpreenderia os dois em flagrante, e, para que a vergonha fôsse menor, lhe cederia a filha em casamento, para «reparar» a «falta». Elle casaria, e estaria liquidada a questão.

A principio, pensou Armando em contar á moça o seu plano. Esta podia, porém, comprometter tudo, e elle, prudente, fez tudo em silencio, aguardando, contente, o fim da comédia.

No dia aprasado, expedida a carta anonyma avisando ao comendador que «fosse assistir á vergonha da sua familia», e assignada — «Um que viu», foi o rapaz um pouco mais cedo para o lugar de costume, aguardar a namorada. Minutos depois chegava o seu querido elephante.



— Meu amor!

— gemeu a enxundiosa creatura.

— Meu anjo! — exclamou o rapaz, com o olho na porta mal fechada.

Postos á vontade, o Armando no seu pyjama e a Rachel na sua camisa, conversavam, os dois, abraçados conjugalmente, quando se ouviu, no corredor, um voserio, e, logo, em seguida, o estrondo da porta, acompanhado, de chofre, pela figura do commendador.

Ao dar com aquelle painel, o capitalista recuou, as mãos nos olhos. Attonita, pallida, com o terror estampado no rosto, Rachel mergulhou sob o monte de lençoes, esperando a morte. Grave, apenas o rapaz guardava a sua serenidade. E foi calmo, a voz firme, que, segurando o pyjama, se encaminhou para o ancião, balbuciando:

— Commendador, eu... caso!

— Casa com quem, miseravel?!... — bradou o velho, procurando no bolso uma arma.

— Com a sua filha! — accentuou Armando.

— Filha!... Que filha, nada! — tornou o ancião.

E desatando em choro, os braços no rosto, de encontro á parede:

— Ella... é... minha... mulher!...

Marquez Ito





OS CONTOS DO CONSELHEIRO

O lampeão e o pavio

Dona Joanninha Pilares andava já pelos quarenta e seis annos quando o coronel Marcolino Sampaio a encontrou no Municipal. Occupavam camarotes visinhos, na terceira ordem, e foi por méro accaso que os olhos dos dois se encontraram. Sorriso nos lábios, fitaram-se de novo. E de tal forma reincidiram, que o velho celibatário deixou o seu automovel em frente ao Jockey Club para acompanhar a risonha senhora, a pé, a ver o bonde que ella tomava. A' rua Sete, viu que o seu «flirt» morava para as bandas da Aldeia Campista. E ao fim de oito dias havia progredido tanto, que sabia, já, tratar-se de uma senhora solteirona, irmã de um antigo senador e pessoa da mais accentuada distincção.

A dama que chegara tão tarde ao coração do coronel não era, positivamente, uma joven. Andava nessa idade que, no dia da vida, não é ainda crepusculo, mas que não é mais, tambem, de sol causticante. Era fructo maduro, é certo, mas ainda saboroso. E como o coronel Sampaio não fôsse dentadura para fructo verde, entenderam-se

os dois admiravelmente, concertando, pelo telephone, a hypothese de um casamento, com todas as particularidades da liturgia.

Homem de fortuna, o coronel sonhara, sempre, com um herdeiro, um pimpolho que fosse, com a primavera que acompanha as creanças, o conforto do seu inverno. Casando-se aos cincoenta annos, elle sabia que lhe não era possível, mais, abraçar um filho crescido, homem feito. Sorria-lhe, entretanto, a idéa de possuir um pirralhito, que fôsse a hera tenra, fresca, florida, a vestir de alegria risonha e limosa tristeza do muro velho. E era a fallencia dessa esperança accentuada em quatro annos de casado, que lhe fazia dizer, desolado, a Dona Joanninha :

— Sim, senhora... Que «bluff»!...

— A culpa é tua, Marcolino ! — desculpava-se a pobre senhora, convencida.

— Minha, não ; tua ! — protestava o ancião.

Foi por esse tempo que o coronel resolveu ir passar uns dias na sua fazenda de «São Gualberto», no Estado do Rio. E foi lá, no silencio das

TEMPO DE CAMPANHA



— Ha quanto tempo morreu teu marido ?
 — Ha oito annos.
 — Mas, elle enterrou-se ha anno e meio. :.
 — Sim; mas, para mim, elle era «homem morto» desde os cincoenta.

IDOLOS DO SECULO



DECEPÇÃO

Martim Fernandes Bordalo era uma dessas creaturas masculinas que o céo condemna ao desprezo das mulheres: não possuía namorada, moça ou velha, e, se gosava a delicia de um beijo, era comprando-o caro, com o seu dinheiro.

A razão dessa originalidade seria difficilmente encontrada. Por ser feio, não era. Outros mais feios, quicá repugnantes, amavam, eram amados, fazendo intensa vida de coração. E como não fosse visto na sua existência outro ponto vulneravel, o rapaz acabou por se convencer que se tratava, apenas, de uma fatalidade.

Certo dia, porém, tudo mudou. Estava Bordalo, com um amigo, em uma casa de chá, quando notou, no rumo da mesa, o clarão de dois olhos negros de uma vivacidade singular. Castigado sobejamente pelos fados, não suppoz que aquelles olhos procurassem os seus; tratava-se, com certeza, de algum «flirt» do companheiro, continuando, por isso, a tomar tranquillamente o seu chá.

Horas depois, porém, quando já ia sosinho pela Avenida, encontrou, de novo, aquelles olhos maravilhosos. E viu que se tratava de um caso seu, de uma sympathia expontanea pela sua pessoa, tão desdenhada, até então, pelas mulheres.

Aquelle encontro foi, para Martim Fernandes, o que é o pão para um faminto; e de tal modo que, á noite, dormia elle com a certeza de que era intensamente amado, e de que, dentro de alguns dias, teria nos braços, de encontro ao peito, a creatura do seu amor.

Tres dias se passaram. O telephone tilintava de manhã e á noite, assignalando a conversa entre os dois. E numa terça-feira, preparado tudo, poudo Martim sentir na bocca, no rosto, nos olhos, na cabeça, numa furia

de bacchante, a caricia da mulher excepcional. Ao trocarem, porém, o beijo supremo, aquelle que se dá de olhos fechados, vagando entre o céo e a terra, foi com espanto que o rapaz ouviu a moça gemer, desmaiando:—

— Alfredo, meu amor... Meu... Al... fredol!...



Aquellas palavras, com o nome de outro de mistura, foram, para Martim Bordalo uma punhalada no coração. Podia ser uma coincidência, um engano de nomes.

Ella sabia que o seu nome era Martim, mesmo, e, certo, não o erraria de proposito.

O ciume ordenava, porém, que elle tirasse a limpo aquelle caso. Foi, por isso, grave, circumpecto, que o rapaz perguntou á moça, momentos depois, quando ella começou a vestir-se:

— Dize-me uma cousa: tu não sabes que eu me chamo Martim?

— Sei. — respondeu a rapariga, enquanto puxava os cordões do collete, deante do espelho.

— Como é, então, que, em certo momento, ainda agora, tu me chamaste Alfredo?

— Eu falei em Alfredo? — exclamou a moça, virando-se, admirada.

— Falaste, sim.

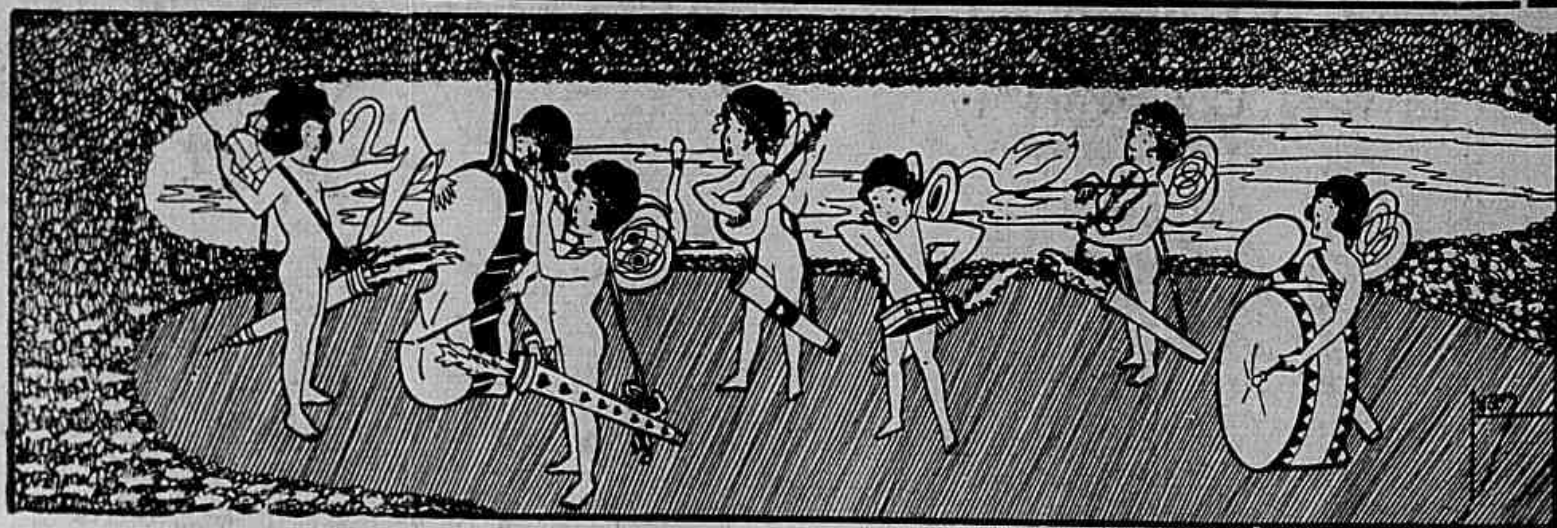
— Pois, olha, filho: se eu falei, foi sem o sentir.

E sem verificar que matava o desgraçado:

— No momento eu estava até com o pensamento no Eduardo, como é que eu fui, agora, falar no Alfredo?

Batu Allah





A BALA REINTEGRATIVA

Em certo dia de 1916 foram os jornaes alemães surpreendidos com uma noticia sensacional: o conde Wilhelm von Mikkau havia offerecido ao Estado-Maior do Exercito uma bala da sua invenção, a qual, dando á guerra uma feição mais humanitaria, poderia despertar nos soldados um maior interesse pelas batalhas. A bala denominava-se «Reintegrativa», e justificava o seu nome com o seguinte: era ôca, tendo, dentro, um pequeno bilhete numerado, com o qual o ferido podia dirigir-se a qualquer dos armazens especialmente installados no «front», e receber, ahi, um braço de pau, uma perna de borracha, um nariz de platina, um olho de vidro, ou qualquer outro órgão, estipulado no alludido bilhete.

Divulgada a noticia, o Imperador manifestou-se, logo, a favor d'elle, solicitando do Papa os seus bons officios, para que os Alliados fizessem o

mesmo. E estavam as negociações em andamento quando o Regimento do Conde von Mikkau se empenhou numa escaramuça com uma patrulha franceza, municida, já, com as balas do novo inventor allemão.

Ferido no fim da espinha, no momento em que avançava contra o inimigo, foi o Conde operado, tirando-se-lhe do corpo uma bala, e, da bala, um bilhete. Aberto este, verificou se que elle dava direito a um nariz do porcelana.

— Elle tem que o usar! — exclamou o Kaiser, informado do facto. — O primeiro a pôr em pratica um invento, deve ser o proprio inventor!

Von Mikkau, como subdito obdiente, cumpriu, sereno, a ordem imperial. A datar, porém, desse dia, até o da sua morte, nunca mais se sentou.

Tenente Matheus

noites bucolicas e meditativas, que o ancião se queixou, de novo, á mesa do jantar:

— E' verdade! Assim, vou eu envelhecendo... envelhecendo... e o filho não vem!

— A culpa não é minha, Marcolino... — protestou a senhora, como de costume.

— Ha de ser minha, com certeza!... — observou o coronel, com ironia. — Os teus quarenta e oito annos não quem dizer nada, neste assumpto!

Intelligente, fina, e, sobretudo, com aquella malicia tão feminina das mulheres cariocas, Dona Joanninha não retrucou á indelicada observação do marido. Encaminhou-se, porém, para a cozinha, e chamou:

— Minervina!

Appareceu uma creolinha, cria da casa.

— Traz do quartinho aquelles dois lampeões que estão lá, o novo e o velho.

Trazidos os dois «belgas» de fazenda, Dona Joanninha encheu-os de kerozene, e, pondo um pavio velho no lampeão novo, accendeu-o, levando-o para a varanda. A



luz era, porém, tão triste, tão pallida, que o coronel reclamou:

— Que luz é essa, Joanna? Não tem por ahi outro lampeão?

— Tem, sim, — confirmou a senhora.

E trazendo para a varanda o lampeão velho, passou para elle o velho pavio. A luz continuou, entretanto, mortica, baixa, agonizante. E o velho reclamou, de novo:

— Este ainda está peor, filha. Dá um geito nisso, senão, nós ficamos no escuro!

A esse pedido, Dona Joanninha foi á cozinha, trouxe de lá o pavio novo, collocou-o no lampeão velho, e accendeu-o. E toda a varanda irradiou, illuminada, alegre, numa grande festa de luz.

— Estás vendo, Marcolino? — exclamou a bôa senhora, maliciosa; — estás vendo?

E batendo, perversa, no hombro do coronel:

— Para lampeão velho dar a luz, meu caro, é preciso... pavio novo!

E sorriu, vingada.

X. X.



ALCOVA DOS POETAS

NO BONDE

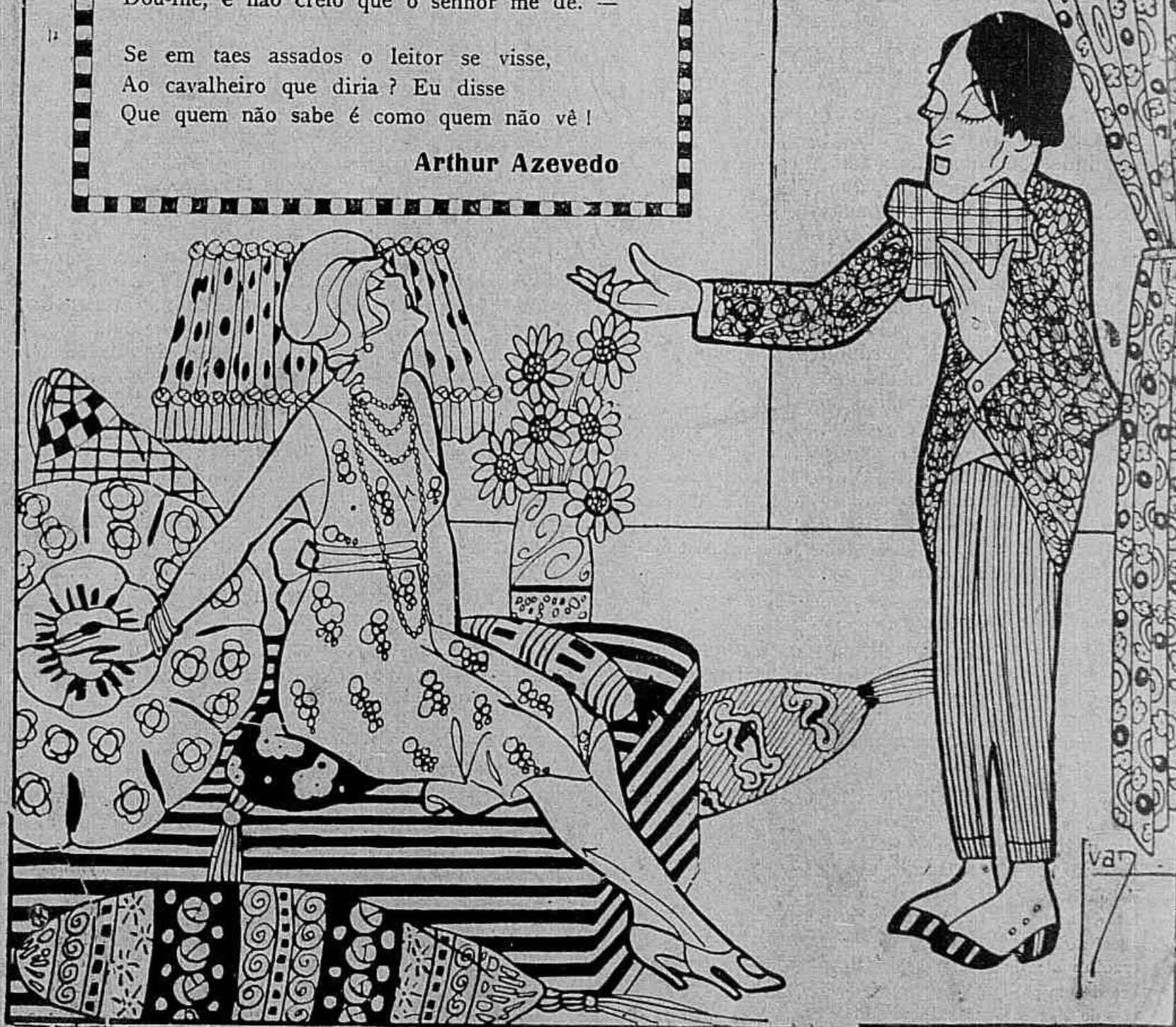
Ha dias encontrei (não direi onde,
Porque este caso é caso verdadeiro)
Uma bella mulher dentro de um bonde,
Acompanhada por um cavalheiro.

Ella um sorriso atira-me brejeiro,
E o meu sorriso ao della corresponde...
Outro: disfarço... Bom! mas, ao terceiro,
O imprudente namoro não se esconde.

O cavalheiro diz-me: — Esta senhora
É minha esposa. Amigo, se a namora,
Dou-lhe, e não creio que o senhor me dê. —

Se em taes assados o leitor se visse,
Ao cavalheiro que diria? Eu disse
Que quem não sabe é como quem não vê!

Arthur Azevedo



ODORANS

Dentifricio medicinal. O unico que evita a carie e o mau halito.
A experiencia custa apenas 2\$500. A' venda em toda parte.

Deposito geral: CASA HERMANNY — Rio.

AFRANIO PEIXOTO



No alto sertão bahiano, para além de Andaraí e das verdes mattas de Orobó, adormece, na quietude das localidades sertanejas, a pequena cidade de Lençóis. E foi ali que nasceu, em dia e anno que a curiosidade nacional não conseguiu descobrir,

aquelle que devia ser, nas letras brasileiras, o poeta Julio Afranio e, posteriormente, o romancista Afranio Peixoto.

A infancia desse futuro homem de letras, foi a dos meninos sertanejos: um carneiro para montar, gaiolas para apanhar passarinhos, a bola, de palha de milho, o banho no açude, o papagaio de papel. Com oito annos, era Julinho o premio Nobel de Lençóis, em materia de traquinagens; e de tal maneira que a familia, apavorada com o progresso do menino, resolveu amedrontal-o, mettendo-o numa das escolas publicas do lugar.

O característico do pequeno era, por esse tempo, a temnosia. Cabeçudo, intransigente, obstinado, fazia questão fechada de contrariar toda a gente. Certo dia, entendeu que devia ler a carta de A B C collocando-a de cabeça para baixo. A professora reprehendeu-o. Elle teimou. E o resultado foi apreender o abecedario ás avessas, começando pelo Z. De outra, achou que devia escrever com a mão esquerda. Reprehendido e castigado, reu-cidiu. E de tal maneira, tão pertinazmente, que ficou canhoto para o resto da vida.

Aos dezoito annos estava o pequenotte de Lençóis na capital bahiana, matriculado na Faculdade de Medicina. Ao garotinho que era o terror dos outros nas festas do Divino, havia succedido o rapazola gentil, maneiroso, animado de ambições honestas e largas. Chamava-se, por extenso, Julio Afranio Peixoto, e utilisava, já, de vez em quando, os dois primeiros nomes, para assignar fantasias literarias em pequenos jornaes de estudantes.

— E' um talento esse menino — dizia Pacifico Pereira, lendo o que o moço escrevia. — Este vae longe.

E justificando a prophecia:

— Não se entende nada!

Concluido o curso medico ficou Julio Afranio ainda por algum tempo na capital. Mimoscado com uma caixa de ferros para partos, andava com el'a de um lado para outro da cidade, atraz de um doente. Certa noite, foi chamado com urgencia ao Rio Vermelho, apanhou a caixa pela orelha, e atirou-se para a casa do enfermo. Ferveu a ferramenta, e avançou para o leito em que o paciente gemia com dôr de barriga. Ao vêr os ferros, o cliente deu um pulo. Era um homem de meia idade, o qual se muniu de uma faca, para de ender-se do forceps.

Foi por esse tempo que Julio Afranio soffreu as duas maiores crises da sua vida: uma paixão amorosa, e o nascimento

do seu primeiro livro.

Amigo das artes, havia o jovem gal'eno ido uma noite ao theatro São João, quando, no primeiro acto do drama, surgiu no palco, em toda a frescura dos seus vinte e um annos, uma linda artista luso-brasileira, que devia ser, mais tarde, uma gloriada das duas patrias. Deslumbrado com a rapariga, Julio Afranio não pôde dormir, a noite inteira. No dia seguinte, procurou ver a deidade. Uma apresentação amiga aproximou-os. E começou, entre os dois, um desses romances castos e encantadores, florido de pequeninos peccados sem consequencia, e de prazeres maiores, felizmente, do que os peccados...

Apaixonado quiz o moço bahiano entrar para o theatro. O amor que a linda artista lhe inspirara justificaria tudo. A companhia terminou, porém, a temporada, a actriz partiu, e tudo acabou. E acabou de tal forma, que a formosa mulher de theatro se acha, agora, de novo, entre nós, sem que o romancista Afranio Peixoto tenha ido applaudir, uma só vez, a antiga namorada de Julio Afranio.

A «Rosa Mystica», primeiro livro que publicou, foi outro caso grave de sua vida. Era um pequeno volume complicado, impresso em oito cores, na Europa. Ao abril-o, o leitor ficava olhando a tinta, e procurava ler. Começava, porém, uma tontura, e o desventurado cahia, fulminado, para traz. E o ultimo a fallecer com a obra, foi o autor, Julio Afranio, desaparecido subitamente na Bahia para resuscitar, victoriosamente, no Rio, com o glorioso nome de Afranio Peixoto.

No Rio de Janeiro, o apparecimento do novo escriptor constituiu um dos maiores successos das letras nacionaes. Candidato a uma cadeira na Faculdade de Medicina, conquistou-a o medico brilhantemente, um concurso memoravel. Por essa occasião, publicou o seu primeiro romance, «A Esphynges». Foi um assombramento. A sciencia offerecia ás letras uma das suas glorias mais legitimas. E gozava o romancista o prazer da sua consagração merecida e retumbante quando o coração, ciumento, se vingou da glorificação que reboava em torno da intelligencia.

Apaixonado, com a alma torturada pelo supplicio de Tantalos, embarcou o glorioso escriptor para o outro lado do oceano, afim de esquecer. A' medida, porém, que procurava apagar as lembranças do Brasil, mais d'ele se lembrava. E foi, então, quando fez uma promessa: iria a Jerusalem visitar os logares sagrados, se recebesse do Rio uma noticia que lhe tranquillizasse o coração. O milagre foi feito. E Afranio Peixoto subiu, sosinho, a pé, o monte Calvario, onde encontrou, já descendo, o então deputado Eloy de Souza, que fazia, por esse tempo, a mesma peregrinação.

O milagre da antiga cidade de Deus foi, mesmo, além da expectativa do bene-

(Cont. em "Galho de urtiga")



Anthologia galante

LUCIA

Pagina da "CASA DE PENSÃO"

Os dous proseguiram de braço dado por entre o murmurejar tristonho d'aquellas sombras. E lentamente, e sem trocarem uma palavra, se deixaram ir até á espalda de um morro, que servia de limite á chacara.

Havia um grosseiro banco de páo meio escondido entre bambús e trepadeiras. Assentaram-se. Um fio d'agua corria da montanha e os passarinhos remigiavam trillando na mole embalsamada das estevas.

Amancio passou um braço na cintura de Lucia e chamou-lhe o corpo para junto do seu. Ella deixou-se arrebatado, bambeando a cabeça, n'um encontro apaixonado de labios.

O rapaz parecia louco no seu desejo.

— Não ! Isso não ! dizia a outra. — Mostre que é um homem de espirito ! Não se queira confundir com esses materialões que ha por ahi !

Elle oppunha as razões que lhe vinham á cabeça para justificar os seus rogos: « Lucia que não quizesse disvirtuar o amor, o verdadeiro amor, fazendo de um sentimento real e fecundo uma pieguice romantica e desenxabida. » Lembrou-lhe o que ella propria disséra, quando pela primeira vez estiveram juntos.

E, n'um resfolegar febril e ruidoso, supplicava-lhe um pouco de compaixão, ao menos; que não o torturasse d'aquelle modo; que não o obrigasse a succumbir ao desespero.

Lucia não attendeu. — Elle que deixasse a casa de Mme. Brizard e viesse tomar um commodo alli na Tijuca. Assim... bem ! Mas, n'aquelle momento e n'aquellas circumstancias... Não ! não ; e não !

Apezar da energia da recusa Amancio insistia sempre.

— Não seja teimoso, reprehendeu ella, arrancando-lhe as saias da mão.— Oh !

Elle, porém, não se desenganava e até já recorria á violencia.

— Peior ! disse a mulher, notando que o estudante lhe desgrenhava os cabellos e machucava-lhe as roupas.

— Já não vou gostando muito da brincadeira !

E, a um movimento desabrido do rapaz :

— Ora pilulas ! Isso agora tambem já é estupidez !

Amancio ao seu lado bufava, immovel, emittindo sobre ella olhares de colera.

— O senhor faz-se desentendido ! exclamou Lucia, afinal, endireitando o penteado e armando as lunetas — Ha muito devia comprehender que nada alcançará de mim, em quanto eu estiver com meu marido !

— Marido o que ! desmentio o provinciano, com a voz suffocada. — Tão marido como eu !

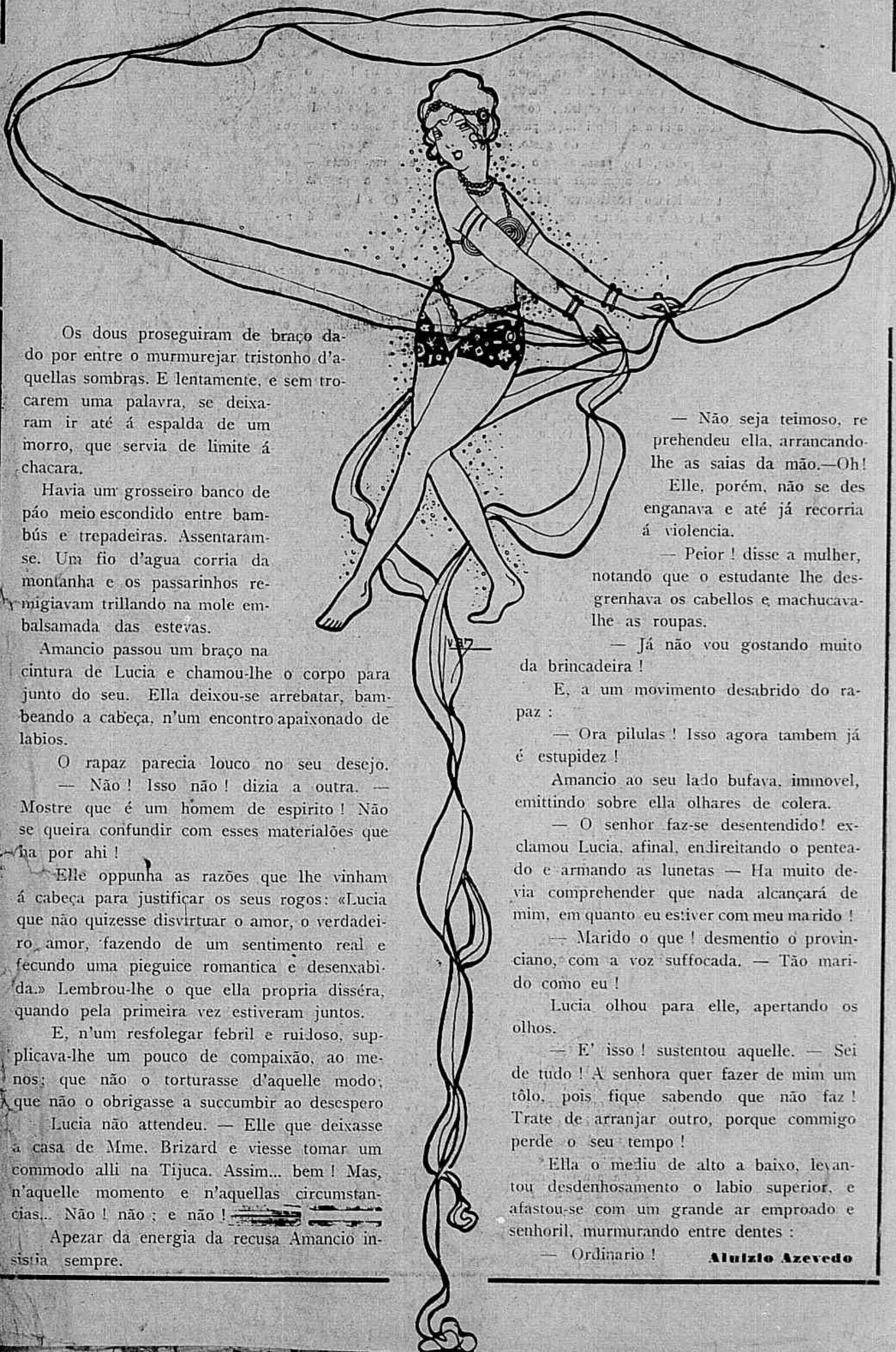
Lucia olhou para elle, apertando os olhos.

— E' isso ! sustentou aquelle. — Sei de tudo ! A senhora quer fazer de mim um tólo, pois fique sabendo que não faz ! Trate de arranjar outro, porque commigo perde o seu tempo !

Ella o mediu de alto a baixo, levantou desdenhosamente o labio superior, e afastou-se com um grande ar emproado e senhoril, murmurando entre dentes :

— Ordinario !

Aluizio Azevedo





Galho DE URTIGA

Os antepassados de Landru

De um jornal de Lisboa transcrevemos a seguinte sentença curiosa, lavrada em 1478, no processo archivado na Torre do Tombo, armario n. 5. maços 2 e 7, em que foi julgado o padre Fernandes Costa, prior de Trancoso. Eil-a:

«Padre Fernandes Costa, prior que foi de Trancoso, de idade de 62 annos, será degradado de suas ordens e arrastado pelas ruas publicas ao rabo de cavallo, esquartejado o seu corpo, posto aos quartos cabeça, mãos, em diferentes districtos, pelo crime de que é arguido e que elle mesmo não contrariou.

Sendo accusado de ter dormido com 29 afillhadas, tendo d'ellas 97 filhas e 37 filhos; de 5 irmãs teve 18 filhos; de 7 amas teve 23 filhas e 5 filhos; dormindo com uma tia chamada Anna da Cunha, da qual teve 3 filhos; de duas criadas 21 filhos e 7 filhas; e da propria mãe teve 2 filhos. Total, 25 filhos, sendo 200 do sexo feminino e 75 do sexo masculino, concebidos de 54 mulheres.

El-Rei D. João II perdoou ao fecundo sotaina e mandou-o pôr em liberdade e archivar o processo no Real Archivo da Torre do Tombo, e mais papeis e mais devassa d'esta sentença.

Este reverendo é apontado pelo jornal portuguez como um dos mais legitimos antepassados de Landru.

Por falta de uso



ELLA (lendo um dictionario) "Leito".
Movel para repouso. — Que feitiço terá esse movel?

em 1887 pela Imprensa Nacional. E' o seguinte, que se acha á pag. 11 do referido volume:

«Ministerio da Guerra, em 31 de Janeiro 1822.

Manda o Principe Regente, pelo Secretario de Estado dos Negocios da Guerra, que o Tenente-General Governador das Armas da Corte, e Provincia, prohiba absolutamente o uso de bigodes no Corpo de Policia da Côrte, por ser prejudicial ao serviço de que o dito Corpo é ordinariamente encarregado.»

Si esta recommendação tivesse ficado em vigor, teria sido, certamente, revogada em 1920 pelo sr. marechal Pessôa, proprietario, como se sabe, dos mais elegante bigodes da cidade.

As vantagens da Aviação

Z. zé C. br. l, cuja graça encheu de gente fina, durante algum tempo, alguns dos nossos theatros do largo do Rocio, é prima de um dos aviadores lusitanos que acabam de chegar ao Brasil. Conta-se, mesmo, que o glorioso descendente do marido da Suzana tem, com outra prima que lá ficou, irmã da que aqui está, relações muito estreitas... Brigadas ha muitos annos, as duas irmãs não se correspondiam. E foi, para Z. zé um contentamento inominavel receber, por intermedio do primo, uma carta de reconciliação que lhe mandou,

pelos ares, a querida irmãinha de lá.

E ahi está porque o valoroso aviador esteve, uma destas noites, mais gago do que o companheiro, naquella gracioso 1. andar da rua Marquez de Abrantes...

A Poetisa... bigodeada

Outro documento pittoresco, é o que se encontra na collecção de «Descisões do Governo do Imperio do Brasil», do anno de 1822, publicada

(Cont. de Afranio Peixoto)

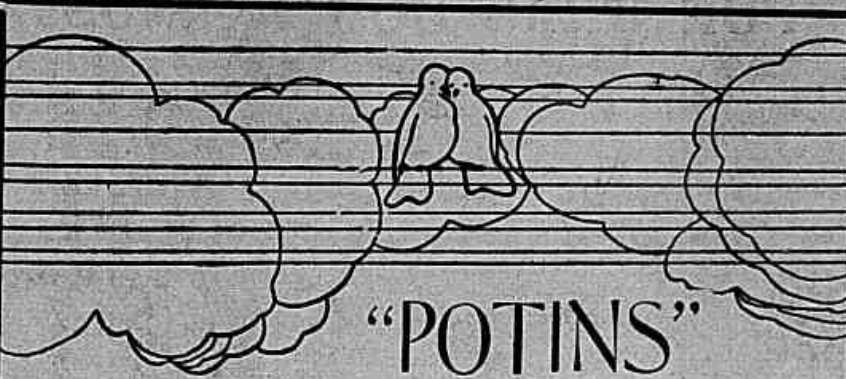
ficiado. De passagem por N'poles, Aloysio Azevedo fez questão que o seu brilhante irmão no romance se fizesse candidato á Academia de Letras. Inscreveu-se. Foi eleito. Escreveu a «Maria Bonita», um successo. Escreveu a «Poetisa da Estrada», obra de um erudito. E mais as «Parabolas», livro de um philosofo; e as «Lições de Hygiene», trabalho de um sabio; e a «Minha terra e minha gente», revelação de um patriota.

E outros livros de medicina, de pesquisas, de saber consciante e profundo, e, finalmente, agora, «Bugrinha», novela encantadora.

Bello espirito e bello homem. Afranio Peixoto é, em synthese, uma d's figuras primicias da intellectualidade brasileira. A sua estrada, na vida, é, hoje, plantada de roseiras floridas, a que os deuses, generosos, tiraram os derradeiros espinhos.



Rodin



Precocidade

Esta historia foi contada na Camara, no dia da mudança, pelo deputado Costa Rego.

— Aquelle meu collega de bancada orçava ainda pelos cinco annos, quando o pae, o coronel Miranda, o interpellou:

— Mundico, que é que dezejas]ser, quando cresceres?

— Eu, papae? Eu quero ser padre.

— Padre? — estranhou o velho.

E o menino:

— Sim, papae.

— ?...

— O padre bebe sosinho, na missa, o vinho d'elle, e ninguem vae incommodar!

O velho, por vingança, fel-o bacharel.

No anno 2.020

Anno 2022. Segundo centenario da Independencia do Brasil. O «Soviet» do Rio de Janeiro luta com difficuldades financeiras para festejar o grande acontecimento. Reunem-se os representantes do povo, e discutem:

— Onde iremos buscar dinheiro? Onde?

Lembram-se emissões. Vêm á balha idéas estapafurdias. De repente, porém, alguem suggere:

— Por que não recorreremos a Fulano? E' o homem mais rico do Brasil.

— E' verdade! — applaude um.

— E' verdade! — secunda outro.

E um terceiro:

— E' um felizardo. O avô, apesar das suas posses modestas, comprou um bilhete da loteria da Cruz Vermelha, no outro Centenario, e tirou cinco mil contos. Os filhos viveram na riqueza e o neto é o maior banqueiro nacional!...

(Aqui, para nós: por que não serás tu, leitor, o tronco dessa familia venturosa?)



A ultima condecoração

O escriptor João do Norte tem sido censurado, em rodas intimas, pela maneira intelligente porque tem conquistado dezenas de condecorações estrangeiras. Um artigo sobre o Perú, sobre a França, sobre a Belgica, um livro sobre a Tcheco-Slovaquia, um banquete ao encarregado de negocios da China ou da Colombia, tem lhe posto ao peito as commendas da Legião de Honra, da ordem de Leopoldo, da Aguia Vermelha, do Urzo Azul, do Dragão Amarello. Informado desses commentarios, quiz João do Norte demonstrar a falsidade delles, apresentando ao publico o escriptor portuguez Antonio Ferro, isto é, um cidadão que não tem commendas a dar, nem habitos de Christo a distribuir. Isso não oostou, entretanto, que o Eduardo Victorino observasse:

— Ahi está o homem... Sempre o mesmo!

E ao ouvido do Alvaro Moreira:

— Está «cavando» a Cruz... de «Ferro»!...

Missão delicada

Na festa offerecida nos Diarios pelo Commercio da cidade aos aviadores portuguezes, foi o dr. Roquette Pinto apresentado a uma linda senhora, á qual offereceu o braço para um tango. Em certa altura dadança,

a dama observou:

— O doutor deve ter, mesmo, um geito especial para tratar as mulheres. Habitudo a lidar com cousas mimosas, delicadas, havia de, com certeza, estender ás senhoras os efeitos da sua occupação quotidiana... O doutor não é do Museu, onde ha tantas raridades?

— Sim, senhora, — confirmou o Dr. Roquette.

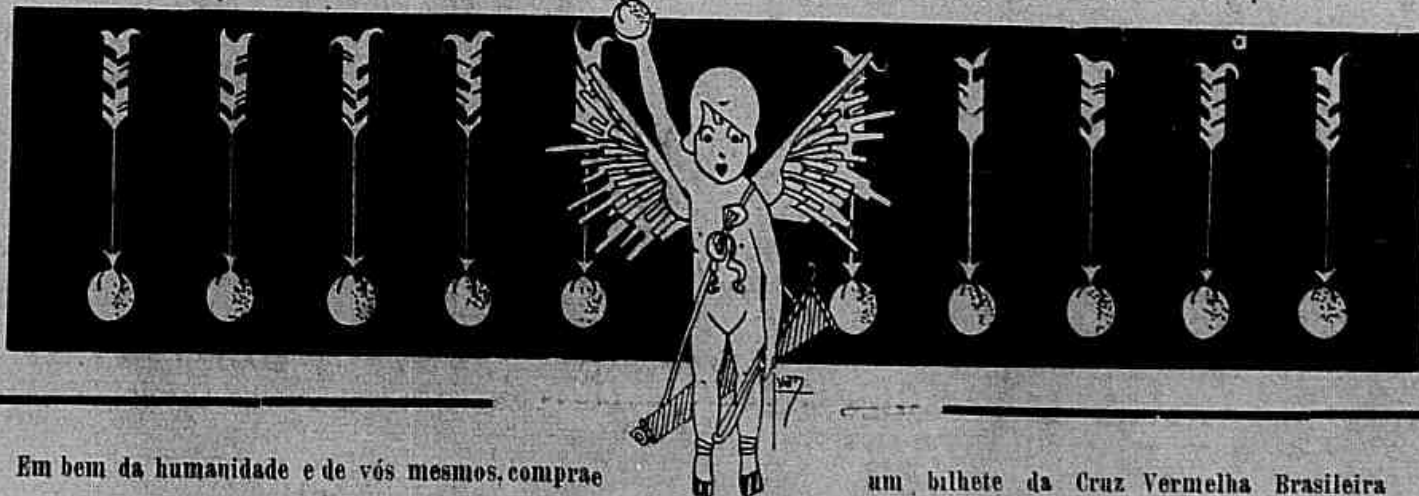
— E qual é a sua incumbencia lá?

Roquette Pinto sorriu, de leve:

— Eu tenho lá, a meu cargo, os... os... os...

E desembuchou:

— Os... animaes empalhados!!



Em bem da humanidade e de vós mesmos, compra

um bilhete da Cruz Vermelha Brasileira

ALBERTINA SILVA



Não foi por simples meditação, nem diante dos successos alheios, que Albertina Silva descobriu a sua vocação para o theatro. Certo, ella dizia versos com espirito, conversava com facilidade, imprimia á palestra a eloquencia opportuna do gesto. Nunca, porém, lhe passara pelo espirito a idéa de apparecer num palco, transmittindo aos outros as palavras e idéas alheias. Um dia, porém, estava ella diante do espelho, quando notou, de repente, que possuia cabellos ruidosamente negros. E sorriu, lisonjeada. Aquillo era, positivamente, uma revellação. Lucília Si-

mões possuia cabellos de treva, e era uma grande artista. Sarah Bernhardt, antes de ter cabelleira de neve, tinha-a escura como a noite. Lógo, ella, Albertina, possuia elemento, e o mais poderoso, para ser uma grande figura da ribalta.

Animada por essa descoberta, procurou, uma tarde, um dos nossos empresarios de melhor nome, e offereceu os seus serviços.

— A senhora já representou alguma vez? — perguntou o homem.

— Não; nunca representei.

— Já lhe disseram que possuia vocação para o theatro?

— Não.

— Que é que lhe dá, então, a certeza de que fará successo no palco?

Sem uma palavra, como Phrinéa no Areopago, Albertina arrancou o chapéo da cabeça, tirou um grampo, tirou outro, e, sacudindo a cabeça forte, fez apparecer, em toda a opulencia, a sua admiravel cabelleira negra e revólta.

— Muito bem! — exclamou o empresario, rindo.

E estendendo-lhe a mão:

— Está contractada!

A estréa da nova artista foi, mais ou menos, em 1910, no fallecido cinema Rio Branco. Annunciado o seu apparecimento, o theatrinho encheu-se. Suppondo-a, pelo nariz, que o retrato publicado nos jornaes accentuara, uma legitima representante da raça judaica, não houve judeu que não comparecesse. Abrahão, Isaac, Jacob, Moysés, Sara, Judith, Rabecca, lá estavam, firmes. Por seu turno, vendo-lhe na photographia os olhos de huri mahometana, os arabes fôram, todos. Diante do theatro, fez-se, nessa noite, um monte de caixas, de bahús, de fardos, de saccos. Eram de Mahomet, de Saadi, de Benahon, que estavam lá dentro, para vêr a patricia.

Ao surgir no palco, reboou uma salva de palmas. Amedrontada, Albertina quiz correr, chorando. Detida nos bastidores, voltou á scena, para dizer o seu papel; e quando o espectáculo terminou, estava a nova artista consagrada como uma das mais legitimas «estrellas»

do palco: Mahomet lhe havia app'audido os olhos; Isaac, o nariz; e o resto da plateia aquelles admiraveis cabellos de treva, que seriam capazes — disse-o um poeta — de turvar a propria face do sol.

Dedicando-se á revista, em que se haviam terçado famosas Pepa Delgado e Margarida Max, foi facil a Albertina Silva uma carreira brilhante, como a das estrellas de verdade. E tanto está ella convencida disso, que appareceu recentemente no «Iris» com o diadema na cabeça, balançando entre nuvens ao ritmo da batuta do celestial maestro Sá Pereira.

Fôra do palco, a vida de Albertina Silva é, dizem, verdadeiramente familiar: isto é, briga muito, e anda, sempre, com os braços pontilhados de ecchymoses. Pessoas que a conhecem, dizem que se trata apenas de beliscões, pela sua mania de olhar muito para os camarotes. Outros affirmam, porém, que são o indicio de pequenos exercicios de box ou de lucta romana, de que dá mostras, de vez em quando, nos dias de ensaio.

O melhor da artista é, porém, a sua garganta. Mais de um visinho tem se mudado por sua causa. Quando Albertina se sente feliz, canta. Canta desesperadamente. E se está triste, canta tambem.

Dizem que o seu ideal é fundar companhia completa, em que não falem nem o micaco e o realejo.

— Eu queria — confessou ella, uma vez, — fazer uma «tournée» pelas grandes capitães!

E ainda não fez. Como artista, Albertina vae se contentando em tornar carecas os admiradores dos seus bellos cabellos negros, e em fazer a sua «tournée», de vez em quando... pelos grandes capitães...

João Kaetano

A mais bella...

Aquellas duas senhoras realmente lindas têm obtido um numero elevado de votos, no concurso de belleza que se está realizando na cidade. E o grande eleitor de ambas é o mesmo, que, sendo marido de uma, tem, diz-se, relações muito discretas, com a outra.

— Qual, das duas, ganhará?

Dolorosa interrogação...



perceber que o livro é o das compras e os patrões a despedem. Antonia sae para arrumar a bagagem, acompanhada pelo Snr. e a Sra. Beroute.

SCENA IX

JOÃO E MARCELLA

João apparece á varanda do jardim e se volta antes de entrar.

JOÃO — (entrando) Partiram...

MARCELLA — (entrando) Viste o que elles escondiam?

JOÃO — (indo ao canapé) Sobre o canapé... (remexe sob as almofadas e tira um livro) Pfff!... E' um livro...

MARCELLA — (desapontada) Zut!...

JOÃO — (olhando a primeira pagina) O «Kama-Soutra»...

MARCELLA — (rindo innocente) Como?...

JOÃO — Manual de erotologia hindu.

MARCELLA — Erotologia?... Que quer dizer isso?

JOÃO — Heu... heu... isso vem do grego... Eros, amor, logos sciencia... erotologia hindu, sciencia do amor hindu...

MARCELLA — O amor hindu?... E' de Kipling?

JOÃO — (sentado no divan, com o livro encostado na almofada) Não!... Não vejo de quem é... Ah!... Chic!...

Tem illustrações... Oh!... Oh!... (fecha o livro)

MARCELLA — Deixa ver...

JOÃO — Não é para tu veres...

MARCELLA — E' tão inconveniente assim?

JOÃO — Oh!... Sim...

MARCELLA — Então, deixa esse livro.

JOÃO — Se tu queres (coloca-o debaixo da almofada, mas fica hesitando no canapé. Marcella se afasta). Vae embora?

MARCELLA — Subo ao meu quarto. (Sahida falsa)

JOÃO — Que tens?... Estás aborrecida?

MARCELLA — (da porta) To-me tua... Subo ao meu quarto...

JOÃO — Não vamos, os dois, esperar o carteiro?...

MARCELLA — Si... num instante... Tu ficas ahi?

JOÃO — (sem geito) Sim...

MARCELLA — (Voltando) Tu vae olhar o livro... logo que eu sahir...

JOÃO — Mas... não...

MARCELLA — Mentiroso...

JOÃO — Porque mentiroso?...

MARCELLA — Vejo que estás doido para isso.

JOÃO — Eu?

MARCELLA — (olhando nos olhos) Sim... tu...

JOÃO — E tu tambem (toma novamente o livro sobre a almofada)

MARCELLA — Se tu o olhas... eu o olharei tambem...

JOÃO — Apenas virar as paginas. (folheia)

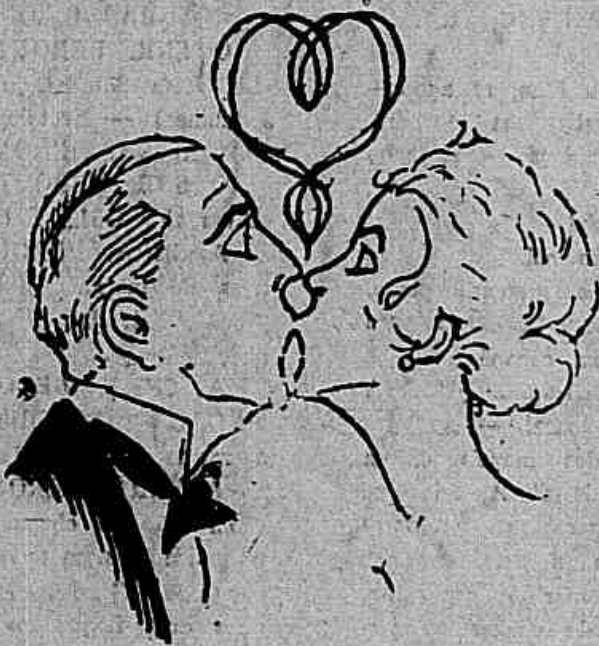
MARCELLA — (apoiando-se na espada d'elle) Deixa ver...

JOÃO — Não... não olhes...

MARCELLA — (inclinada) Sim... Que é isso?...

JOÃO — E' um... (esconde a pagina com a mão) Não... não... não olhes...

MARCELLA — Sim... (com a voz



estrangulada) os diferentes beijos... (neste momento, um ligeiro ruido fóra; elles se separam)

JOÃO — (collocou rapidamente o livro sob a almofada) Vem gente...

MARCELLA — (depois de ter ido ao fundo) Não... Ninguém... Como tens medo...

JOÃO — (tomando-lhe a mão direita) Sim... bota a tua mão no meu coração... Elle não bate mais (respira)

MARCELLA — E' verdade (Pára e leva a mão esquerda ao proprio peito) O meu é o contrario...

JOÃO — (com a mão sobre o peito de Marcella) Oh! Marcella, como o teu bate de pressa... Como o teu bate de pressa...

MARCELLA — Não me toques...

JOÃO — Oh!... Sim... Marcella... Como bate de pressa...

MARCELLA — (afastando-o docemente) João... tu estás esquesito... Que é que tens?

JOÃO — Não sei... Eu abafio... sinto um calor... tenho vontade de chorar... e de te beijar... (agarra-a nos braços)

MARCELLA — Deixe-me João... Fazes mal...

JOÃO — Tu não me amas, Marcella...

MARCELLA — (terna) E's bobo!...

JOÃO — Então... beija-me...

MARCELLA — Não... não é preciso... não é preciso... (um barulho de porta. Sobresalto dos dois)

JOÃO — Marcella... Marcella vamos... (saem correndo pela varanda e o jardim)

SCENA X

Entra a Sra. Beroute acompanhada da Sra. Vermeuil. Fallam da creada e commentam o achado do livro.

A Sra. Vermeuil depois de se offerecer para dar-lhe sumico pergunta se é em Paris que vendem essas cousas; enquanto o Snr. Beroute esconde novamente o livro sob a almofada, dizendo que vae queimar-o.

SCENA XI

Entra o Snr. Beroute. Está na hora de Antonia partir para a gare. A Sra. Beroute, que tambem vae sahir, sae para espiar a chegada do auto car. e recommenda ao marido que queime «essa immundice».

SCENA XII

O Snr. Beroute e a Sra. Vermeuil fallam do livro. Ella muito amavel quer desembaraçal-o... e se offerece para queimar o livro em casa...

O Snr. BEROUTE — Eu não ousaria deixal-a ver semelhantes abominações...

A SNRA. VERMEUIL — Que diz?... Eu sou de maior idade... Tenho vinte e nove annos...

O SNR. BEROUTE — Vintre e nove! Vejam só!... Jamais acreditaria... Envelhecer por gosto?...

A SNRA. VERMEUIL — Lisongeiro... Fui casada tambem... Sei o que são essas cousas...

O SNR. BEROUTE — Não... não póde imaginar...

A SNRA. VERMEUIL — Como?... «O Kama-Soutra»?... E' hindu... é re-



POR TRAZ DOS PANNOS



Romano

ALBERTINA SILVA



Theatro Boccacio Le Kama-Soutra

A veneranda «coterie bas-bleu» que profliga a malícia e a verve cômica de rosa da "A Maça", offereço este resumo com alguns dialogos traduzidos ao pé da letra, da comedia em 1 acto, de Regis Gignoux, «Le Kama-Soutra», representada por uma companhia franceza, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, no anno de 1922, JAN RICHORA.

Personagens:

O Snr. Beroute, 45 annos — João, seu filho, 17 annos — A Snra. Beroute, — 43 annos — Marcella, sua sobrinha, 16 annos — A Snra. Vermeuil — 29 annos — Antonia, creada para todo serviço — 20 annos.

Sala de jantar, no campo, pela manhã.

Ao fundo varanda para o jardim, ao sól.

A' direita e á esquerda, segundo e primeiro plano, portas, uma para o quarto do snr. Beroute, outra para a cosinha — Buffet — etc., ao centro um canapé.

SCENAS PRIMEIRA, SEGUNDA, TERCEIRA E QUARTA

O Snr. Beroute, de pyjama lê um jornal — a Snra. Beroute, verificando o pouco asseio dos moveis chama a attenção do marido para a má vontade de Antonia que em vez de limpar a mobilia fica em parolagem na porta da granja com um rapaz. Vem Antonia, a patrão resolve mandal-a ás compras e insinua ao marido espional-a. O snr. Beroute recusa — tem receio de chegar ao jardim onde o João e Marcella jogam o tenis. Sae a snra. Beroute e entram João e Marcella — O snr. Beroute aconselha-os jogarem com moderação.

Sae o casal de primos para o tennis.

SCENA V

O SNR. BEROUTE E A SNRA. BEROUTE

A SNRA. BEROUTE — (com a voz estrangulada, depois de arrancar das mãos do marido, o jornal que este estava lendo) — Julio, és um pae de familia, ou não és?...

O SNR. BEROUTE — Como?...

A SNRA. BEROUTE — Quereres que respeitem tua mulher e teu lar?

O SNR. BEROUTE — Hein?...

A SNRA. BEROUTE — Queres proteger a virtude de teu filho e a innocencia da filha de tua irmã?

O SNR. BEROUTE — Mas, explica-te!...

A SNRA. BEROUTE — (mostrando um livro que trazia escondido) Eis o que encontrei no quarto de Antonia.

O SNR. BEROUTE — Que é isso?... Um livro...



A SNRA. BEROUTE — E de preço...

O SNR. BEROUTE — (num trocadilho em francez) Ella teve um premio?...

A SNRA. BEROUTE — (estendendo o livro) Olha e terás vontade de gracejar...

O SNR. BEROUTE — (abrindo o livro) Oh!... Oh!...

A SNRA. BEROUTE — Vês esta porcaria...

O SNR. BEROUTE — (lendo a primeira pagina) — «Le Kama-Soutra», manual de erotologia hindu... (para a mulher) — Erotologia!...

A SNRA. BEROUTE — E hindu!

O SNR. BEROUTE — (compulsando o livro) E estas gravuras!... Oh!... Estas gravuras!...

A SNRA. BEROUTE — (tomando o livro) Já olhaste-as de mais...

O SNR. BEROUTE — E' preciso que eu tome conhecimento...

A SNRA. BEROUTE — Isso te interessa...

O SNR. BEROUTE — (retomando o jornal) A mim, ó minha pobre mulher... Dá-me o meu Poincaré...

A SNRA. BEROUTE — Como! eis toda tua indignação... Não te chega o «Kama-Soutra»... tem mais... (leu o indice das materias) Acompanhado das melhores pagens de «Gamiani», do «Amador de calçados», dos «Sinhos dum flagellado» (entregando o livro ao marido, com um grande nojo) Todo esse lixo debaixo do colchão da tua creada!

O SNR. BEROUTE — Onde teria ella achado isso?

A SNRA. BEROUTE — No lupanar donde saí...

(Resolvem despedir a creada e dar um sumiço no livro.)

SCENA SEXTA

(João e Marcella entram — O Snr. Beroute esconde ás pressas o livro debaixo do assento e aconselha o filho a levar a priminha novamente para o tennis.)

JOÃO — (voltando ao jardim) Que tem elles?

MARCELLA — (mesmo movimento) Teu pae escondeu qualquer coisa...

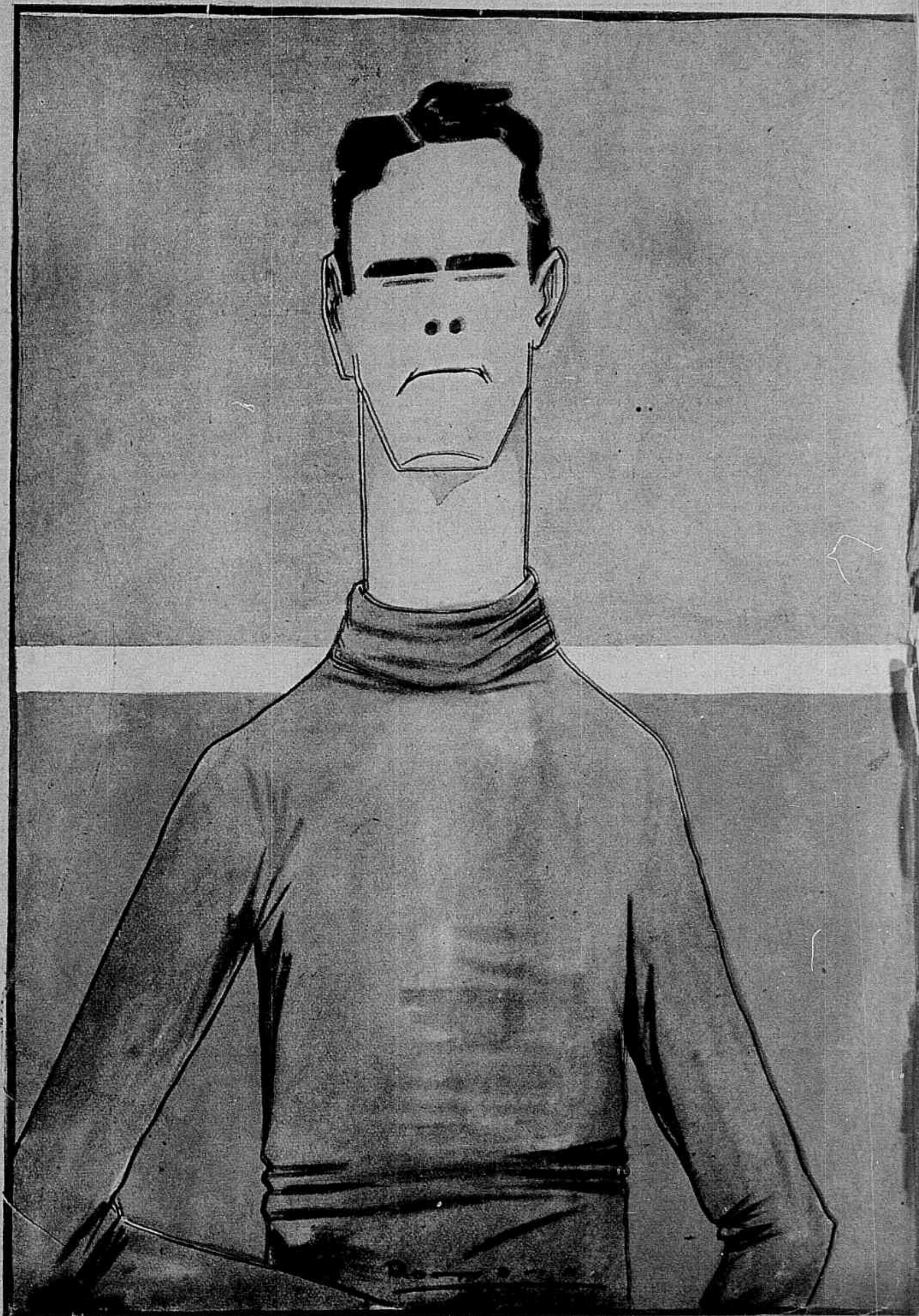
JOÃO — Um presente... uma surpresa... preciso ver...

O SNR. E A SNRA. BEROUTE — (juntos) Vão brincar, meninos... Vão brincar... (João e Marcella saem).

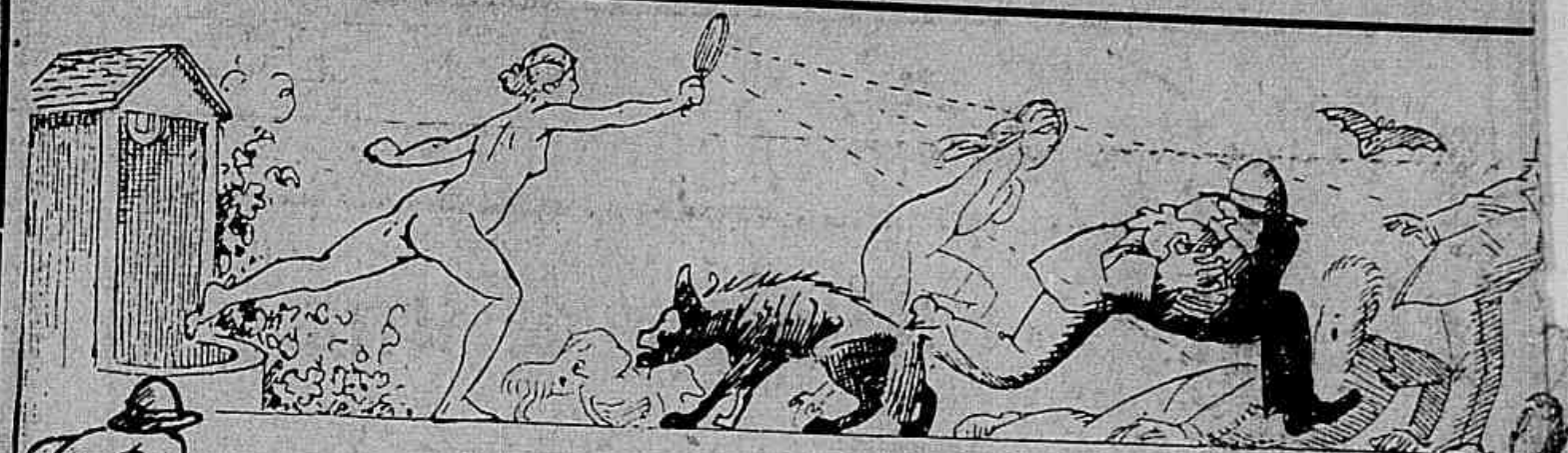
SCENAS SETIMA E OITAVA

O Snr. e a Snra. Beroute combinam sobre o destino que devem dar ao livro obsceno. Antonia volta e procura um livro que desapareceu. Afinal deixa

PES... DE ANJO



MARCOS (Do «Fluminense»)



POR TRAZ DOS PANNOS

Drama

— Ninguém sabe como terminou aquella paixão pela actriz cantora.

Elle, o prestigioso major, coronel honorario, não sahia da primeira fila do velho theatro, admirando a docura daquella voz, a maleabilidade daquelles gestos...

Hoje, elle é visto só, sozinho, n'um bonde da Piedade...

— Mas, afinal, — interrompeu a graciosa actriz — elle encontrou, n'um bonde, o que tanto precisava...

Tragedia

No Concurso de Belleza do popular vespertino continúa em 1.^o lugar a actriz Carolina Alves. Existe por isso, um bando de gente desolada.

O conhecido cinematographista, por exemplo, anda desanimado. Fechado o Theatro Iris, onde se exhibia a creaturinha que o interessava, só lhe restava o concurso de belleza.

Perdido este... que fazer da creaturinha buliçosa?

Comedia

«Bonita não seria, ai! não! [talvez não fosse...

Mas assim mesmo o conhecido chronista e revistographo gostou e apaixonou-se.

Paixão de jornalista é cousa muito séria, com «clichés», noticias elogiosas, notas de festivaes e «vales» na gerencia.

Mas a volumosa actriz não foi para romances e quando elle, apaixonado, lhe offereceu uma «notinha» no vespertino em que trabalha, exclamou, desdenhosa:

— Ora, meu caro, eu prefiro uma «nota»... mas de duzentos, sabe?

Vaudeville

Era uma verdadeira perseguição. O pobre menino, membro da S. B. A. T. não a deixava em paz. Na caixa, na rua, fóra do theatro,

nos ensaios, era sempre a mesma coisa: — Meu amor! meu anjo! escuta-me! vê como eu soffro!

Até que um dia a Zinha (não de Cascadura, bem entendido) lhe perguntou, irada:

— Mas, afinal, que deseja?

— Oh meu amor! vê, ao menos vê... o teu bello corpinho...

— Oh! só isso?

E entrando no camarim, a espirituosa corista atirou-lhe, lá de dentro... o seu «corpinho» de seda...

Lyrico

Nessa interessante revista que é «A todo panno», ora em scena com successo, no S. José, Otilia Amorim faz uma preta pernóstica.

— Pernóstica, — perguntou, espantado, o João Canali. — Onde, então, estarão as pernas?

Opereta

A veneranda matrona (não é a Sra. Branca de Lima) sympathisou com o rapaz, que é forte, espadaúdo e dá, de quando em quando, «pic-nics» na Quinta da Boa Vista.

— E vocês estão, por isso, admirados? — perguntou o Gastão Togeiro. — Então nunca viram uma avó procurar o seu «neto»?

Revista

A actriz «mignon» continúa a ganhar uma fortuna em nickéis, no Carlos Gomes.

— Isso é uma mina, — dizia, á porta do theatro, o actor Alvaro Fonseca. — Pena é que ella não tivesse arranjado isso no tempo do João de Deus...

Grand Guignol

— Conheces?

— Não; quem é?

— E' a revista dos 25 autores...

— ? ! !

E'... panella que todos mexem...

Rideau

CREADA NOVA



— Já serviu alguma vez?

— Não senhora, sou solteira.

PÉS... DE ANJO

MARCOS

Marcos de Mendonça, o famoso «goal-keeper» do Fluminense, é o grande stylist do «foot-ball». Apanhar no espaço as bolas que o adversario lhe manda é, para elle, uma arte, que cultiva com um carinho verdadeiramente religioso. E se isso lhe grangêa antipathias entre os homens, faz convergir para elle, egualmente, os applausos freneticos das mulheres.

O jogo de Marcos havia de evoluir necessariamente para esse resultado. Procedente de Minas, onde

nasceu, a sua infancia foi votada, inteira, á mais honrada vadiação. Enviado á escola, não chegava, jamais, até o mestre. Visse, a caminho da aula, uma pedra, um carôco de jaca ou outro objecto rolante, e ficava-se a dar-lhe pontapés, a manhã inteira, a tarde inteira, até, quasi, o anoitecer. Desanimado, o pae dizia-lhe sempre:

— Tu nunca has de ser nada, meu filho. O que eu fizer hoje, com as mãos, tu desmancharás, amanhã, com os pés...

Transferido para o Rio de Janeiro, o menino não mudou de habitos. A casa em que a familia se installára era grande, com um jardim vasto, á frente do predio. Arrastado pela sua vocação, Marcos transformou, logo, essa dependencia em campo de «foot-ball». E era ali que se exercitava de manhã cedo, de camisão encarnado, a enfiar, de longe, um pão de duzentos reis, dos redondos, no «goal» de um cano de exgotto que havia debaixo do muro. O final desses jogos era, porém, o mesmo, todas as manhãs: ser arrastado pela ponta do camisão, ou pela orelha, para o interior da casa, onde passava de castigo até a hora do collegio.

Homem já, em 1913, resolveu o futuro campeão da taça Rocca actuar em terreno mais largo que o seu jardim. O jardim possuía flores, é certo; mas o campo era melhor: possuía mulheres encantadoras, mais encantadoras que as rosas. E foi animado com a expectativa de uma apothéose feminina que entrou para o America, onde o deslumbravam, por essa epoca, os triumphos de Belfort e de outros famosos jogadores do tempo.

No America, entretanto, Marcos ainda não era Marcos. Os clubs das bandas de Botafogo tentavam-n'o. E foi levado por essa sympathia, e por motivos outros, inherentes á politica sportiva, que o grande jogador dormiu no campo da Campos Salles para amanhecer, entre flores, na arena do Fluminense, onde o seu nome foi transformado, no dictionario do Club, em synonymo de «victoria».

Como «goal-keeper», Marcos tem, realmente, um lugar de destaque entre os seus pares. Elle é, pode-se dizer, o Ataulpho de Paiva do «foot-ball». Jogador assombroso, não o preocupa, simplesmente, o triumpho: elle faz questão, sobretudo, da maneira porque o conquista. Aristocrata em tudo, officia, no campo, com a gravidade de um sacerdote. As archibancadas estão cheias, repletas, vergando de gente. Toca a sineta, annunciando a chegada dos «teams». Os jogadores do Fluminense entram, compactos. O «team» adverso faz o mesmo. Falta, porém, Marcos. A assistencia impacienta-se:

— Marcos!... Marcos!... Marcos!... — gri-

tam milhares de boccas.

E' ahí, então, que elle entra no campo, displicente, sereno, superior, entre os applausos tumultuosos da multidão.

A' bocca do «goal», as suas «pegadas» famosas são assignaladas pelo mesmo traço de distincção. E' o jogador classico por excellencia. Bola que lhe seja mandada não lhe vem á mão sem todas as particularidades do ritual: elle faz, primeiro, um floreado com a mão, com a cabeça, com o corpo inteiro, de modo a chegar a tempo de apanhar-a, num gesto que é, quasi, uma caricia. Se a bola vem mais depressa, como vinham, outrora, as de Mimi, elle prefere deixal-a passar, e ir enganchar-se na rede, a sacrificar aquelle floreio elegante, que lhe tem valido tantas glorificações merecidas, mas custado, tambem, algumas decepções lamentaveis. A arte de impedir o «goal» divide-se, para elle, em duas partes essenciaes: primeiro, cuidar do floreado; depois, da bóla. E com tanta capacidade executa elle o seu methodo, que nem sacrifica a elegancia nem consente a victoria do adversario. Bolas tem entrado, é certo, na sua rede; mas é quando passam muito baixo, de modo que elle, para segural-as, tenha de arrastar no chão a ponta da sua camisa de sêda. Nesse caso, Marcos é intransigente: a bola passa, mas elle não arrasta a camisa no chão.

Fora do campo, Marcos de Mendonça é um homem serio, como poutos. Chefe de familia, é o Paulo de Frontin do «foot-ball»: não ha mulher, fora do lar, que se desvaneça da sua preferencia. Adora a esposa, que é encantadora, e é, para ella, um idolo, um santo, um semideus. Ella propria, como poetisa admiravel, que é, já lhe celebrou a figura nestes fortes versos de encantamento e de amor:

Vem, bello vencedor! Repousa em meu regaço
Essa fronte de heróe que eu de louros aureólo.
E's tão bello, com o peito arfando de canção,
Como depois da luta o victorioso Apollo.

Essa cabeça loura abandona em meu collo;
Senta-te junto a mim, recosta-te em meu braço.
Das flores que aqui vês, atapetando o sólo,
São para coroar-te as grinaldas que faço.

Dorme... Sonha com a luta e as vozes a acclamar-te;
E Eros gentil virá, como ao somno de Marte,
Fallar de gloria e amor aos doces sonhos teus.

E a teu lado, feliz, na tarde longa e quieta,
Eu velarei aqui pelo somno do athleta,
Qual no O'ympe a velar pelo sonho de um deus.

A talentosa senhora tem razão, aliás, de querer bem, assim, com essa intensidade, com essa paixão, ao marido, o grande, o forte, o victorioso «goal-keeper» brasileiro. Dos «Marcos» todos, é elle o unico, realmente, que, depois da conflagração européa, continúa a ter boa cotação...

Pé... lópidas

EDIÇÕES DA GRANDE LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

Nossa casa, notavel pelo seu enorme e variado sortimento de livros de sciencia, pedagogia, litteratura, etc., tanto nacionaes como estrangeiros, apresenta, nesta relação, alguns dos trabalhos de que, no ramo litterario, é editora, affirmado o valor dessas produções pelo alto mérito dos seus autores, dispensados estes, pela sua fulgurante notoriedade, de menção bordada de elogios:

Microscopio, Elogio das flores e dos insectos, de Hermes Fontes, br. 3.000, enc.	4.000	Precizos e Conceitos, do Prof. Dr. A. Austregesilo, da Academia, br. 5.000, enc.	6.500
Moinhos de vento, (2ª edição), humorismos de Bastos Tigre, br. 4.000 enc.	5.000	Pastorais, de D. Silverio Gomes Pimenta (da Academia), br. 4.000, enc.	5.000
Noticia da Grande Guerra, (1914-1918, Front Belga), pelo Major Dr. Corrêa do Lago, ex-addido militar á Legação do Brasil, junto ao Governo Belga, obra ornada com innumeras gravuras e mapas, br. 10.000 enc.	13.000	Palavra Publica, do Prof. Dr. João Eduardo da Fonseca, (2ª edição) br. 3.000, enc.	4.000
Nervos, versos de Murillo Aranha, br. 4.000 enc.	5.000	Problemas da Guerra e da Paz, pelo Dr. Nuno Pinheiro (fiscal do Governo nos bancos, brochado 4.000, enc.	5.000
Nhônô Rezende, romance de Abel Juruá, (pseudonymo da escriptora D. Iracema Guimarães Villela), br. 4.000 enc.	5.000	Reminiscencias de um rezaia criminalista, do Dr. Evaristo de Moraes, br. 10.000, enc. 12.000, chag.	10.000
Os Caçaras, prosa do saudoso humorista Baptista Coelho, João Phoca, prefacio de D. Julia Lopes de Almeida, br. 3.000, encadernado	4.000	Ronda dos Seculos, (2ª edição), de Gustavo Barroso (João do Norte), br. 5.000 enc.	6.000
O Patriarcha da Imprensa, do Dr. José da Fonseca (da Academia Mineira), br. 3.000, enc.	4.000	Silvestre Lagedo, romance de Plinio Cavalcanti, brochado 4.000, enc.	5.000
Outomno, poesias do saudoso poeta Mario Pederneiras, com illustrações dos nossos melhores desenhistas, br.	3.000	Sciencia parlamentar, de Hamilton, trad. de Otto Prazeres, brochado	3.000
O Imperio do Sarcasmo, do Dr. Caio de Carvalho, brochado	3.000	Tratado brasileiro do Jogo do Pocker, por José Caetano (pseudonymo) contendo regras indispensaveis, golpes certos, conselhos oriundos de uma longa pratica e varias pilherias, br.	3.000
O Feiticeiro, do Dr. Xavier Marques, da Academia, brochado 5.000 enc.	6.500	Terra Convalescente, poesias de Mausuetto Bernardi, brochado	3.000
Os Aliados, comedia em 3 actos, de Gastão Tojeiro, br.	2.000	Tumulto, poesias de Prado Kelly, br.	3.000
O El ginte Doutorzinho, a proposito em 1 acto, de Gastão Tojeiro, br.	1.000	Torrente encadeada, poema de Octavio Augusto, brochado	2.000
O Acre, romance de Nios, br.	5.000	Tratado de sciencia occulta, de Mucio Teixeira, Barão Ergonte. A 1ª parte trata exclusivamente da doutrina theosophica; a 2ª ensina a maneira pratica de lêr a sorte pelas linhas da mão e pelas cartas de baralho. Trabalho magnificamente illustrado, dotado de um baralho de cartas adequadas á materia, cartonado	10.000
Os Gaúchos, de Mucio Teixeira (Barão Ergonte) Estudo do meio physico, do Momento historico, da Vida pampeana, do Cancioneiro popular, e Synthese biographica dos rio-grandenses illustres, 1º e 2º volumes, de grande formato, cada um, br. 7.000 enc.	9.000	Tonel de Diogenes, nova edição das notaveis chronicas do Conselheiro X. X. apparecidas em livro sob esse titulo, br. 5.000, enc.	6.500
O Hospede, romance de Aristides Rabello, br.	5.000	Ville de Joseph t, continuação das famosas chronicas do Conselheiro X. X. (Humberto de Campos, da Academia), br. 5.000, enc.	6.500
O Imperador visto de perto, (Perfil de D. Pedro II), por Mucio Teixeira, Barão Ergonte, intimo da familia imperial decahida, br. 5.000 enc.	7.000	365 dias de Boulevard (2ª edição), de Théo-Filho, br. 4.000 enc.	5.000
O Perigo americano, de Medeiros e Albuquerque, da Academia, br.	1.000	Marido e Amante, romance do Dr. Americo Werneck, br.	6.000
Poemas e Sonetos, de Ronald de Carvalho, obra premiada pela Academia, enc.	5.000	Um desfiar de lembranças, do Dr. Cyro de Azevedo, br.	6.000
Paginas de critica, de Medeiros e Albuquerque, da Academia, br. 5.000, enc.	6.000	Cousas do meu tempo, de Ernesto Mattoso, br.	5.000
Philosophia da Arte, do Dr. Vicente Licinio Cardoso, br.	6.000	Era uma vez... — versos de Guilherme de Almeida, br.	3.000
Prozas de Casandra, chronicas do Dr. Eduardo Ramos, prefacio do Dr. Ruy Barbosa, da Academia, br. 4.000, enc.	5.000		

PEDIDOS DIRECTAMENTE Á GRANDE LIVRARIA EDITORA

LEITE RIBEIRO

Ruas: Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19 e 13 de Maio, 74 e 76

Caixa Postal 899

Endereço telegr. ETIEL.

Telephones: Central 250 e 389



PARA O INVERNO

V. Ex. encontra na **CASA ESTRELLA**

Camisas de lã, ceroulas de lã, cache-nez de lã, meias de lã, bonets de lã, cobertores de lã, luvas de lã, sobretudos, pellerinas, pyjamas de flanela, pyjamas de casemira, cache-col de sêda, etc., etc.

PREÇOS SEM EXEMPLO
RUA DO OUVIDOR N. 134

INVERNO!!

COMPRAE NA CASA DOS SOBRETUDOS

Um bom sobretudo de cheviot de pura lã, todo forrado ordem 7070	55\$000
Idem, Idem c/ golla de velludo e melhor confecção ordem 7107	60\$000
Estupendo Sobretudo de cheviot de duas faces, forrado a franceza o/ 8015	80\$000
Lindas capas de Gabardine impermeavel, $\frac{1}{2}$ lã, estylo Ragan	80\$000
Esplendidos Sobretudos, de cheviots inglezes, c/ cinto e fivella, for ^a á franceza	110\$000
Grande sortimento de Cheviots inglezes para sobretudos sob medida de confecção de luxo desde 130\$000 á	160\$000
Elegantissimas capas de Gabardine ingleza, de lã impermeavel, estylo Ragan a	170\$000
PARA O INTERIOR sobretudo ou capa mais 5\$000.	

Nas vendas por atacado para os collegas e pequenos revendedores, fazemos preços especiaes.

ALFAIATARIA SANTOS DUMONT — 192, Rua 7 de Setembro, 192

CASA YORK

CAMISARIA E ROUPAS DE CAMA E MESA

Verifiquem a modicidade dos nossos preços

22 a 26 ASSEMBLÉA

(ESQUINA DA RUA DO CARMO)